

SARA PENNYPACKER

Autora Bestseller do New York Times

PAX

A HISTÓRIA COMOVENTE DE
UMA AMIZADE ENTRE UM RAPAZ
E UM RAPOSINHO.

«SIMPLEMENTE
UMA OBRA
DE ARTE»

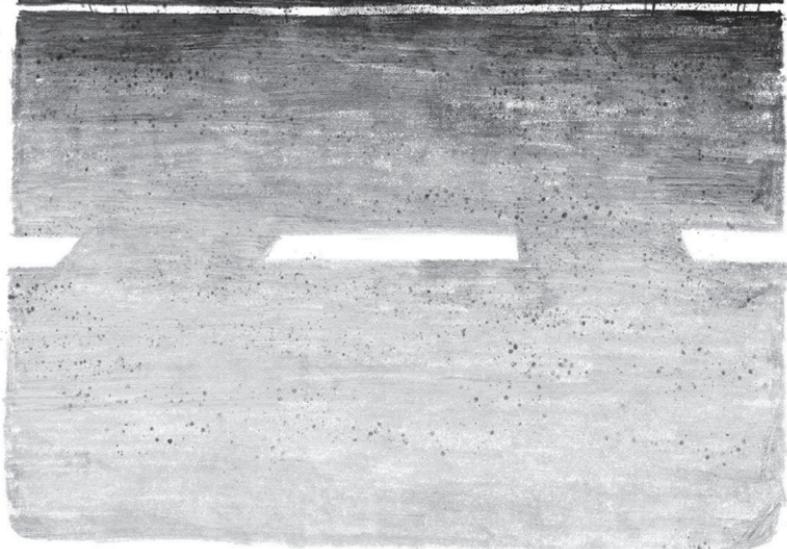
★
KATHERINE APPLGATE,
AUTORA DE O ÚNICO
E INCOMPARÁVEL
IVAN

booksmile

Para o agente Steven Malk, que disse «Pax»



«Só porque não está a acontecer aqui
não significa que não está a acontecer.»





O raposo sentiu o carro abrandar antes do rapaz, pois sentia tudo primeiro. Através das almofadas das patas, ao longo da espinha, nos bigodes sensíveis junto dos pulsos. Pelas vibrações, descobriu também que a estrada se tornara mais irregular. Esticou-se do colo do seu rapaz e farejou os odores que entravam pela janela, o que lhe deu a entender que estavam agora a embrenhar-se no bosque. Os odores acentuados de pinheiro — madeira, casca, pinhas e caruma — cortavam o ar como lâminas, mas, sob isso, o raposo reconheceu outros mais suaves, como trevo e alho-de-urso e juncos, e também uma centena de coisas que nunca encontrara antes, mas que cheiravam a verde e urgente.

O rapaz também sentiu algo agora. Puxou o animal outra vez para si e agarrou a luva de basebol com mais força.

A ansiedade do rapaz surpreendeu o raposo. Nas poucas vezes que viajaram antes no carro, o rapaz tinha estado calmo ou mesmo excitado. O raposo aninhou o focinho na tira da luva, embora odiasse o cheiro a couro. O seu rapaz ria-se sempre quando fazia isto. Fechava a luva à volta da cabeça do animal, à luta na brincadeira, e desta maneira o raposo distraía-o.

Mas hoje o rapaz levantou o animal e enterrou o rosto no rufo branco do raposo, pressionando com força.

Foi então que o raposo se apercebeu de que o rapaz estava a chorar. Virou o tronco para lhe examinar o rosto e ter a certeza. Sim, a chorar — embora o fizesse em silêncio, algo que o raposo nunca o vira a fazer. O rapaz já há muito tempo que não vertia lágrimas, mas o raposo lembrava-se: no passado ele gritara sempre, como se a exigir que prestassem atenção ao acontecimento curioso de água salgada a escorrer-lhe pelos olhos.

O raposo lambeu as lágrimas e depois ficou mais confuso. Não havia cheiro de sangue. Soltou-se dos braços do rapaz para inspecionar o seu humano com mais atenção, alarmado que ele pudesse não ter conseguido reparar numa ferida, embora o seu olfato nunca se enganasse. Não, sangue não; nem a mancha subcutânea de um hematoma ou a fuga de medula de um osso partido, que acontecera uma vez.

O carro virou à direita, e a mala ao lado deles moveu-se. Pelo seu cheiro, o raposo sabia que transportava a roupa

do rapaz e as coisas do seu quarto que manuseava mais frequentemente: a foto que tinha no cimo da escrivaninha e os objetos que escondia na gaveta de baixo. Bateu num canto, na esperança de abrir a mala o suficiente para o nariz fraco do rapaz cheirar estas coisas preferidas e sentir-se reconfortado. Mas nesse preciso momento o carro abrandou novamente, desta vez lenta e ruidosamente. O rapaz descaiu para a frente, com a cabeça nas mãos.

O bater cardíaco do raposo aumentou e os pelos cerdosos da sua cauda eriçaram-se. O odor metálico estorricado da nova roupa do pai estava a queimar-lhe a garganta. Saltou para a janela e arranhou-a. Às vezes, em casa, o seu rapaz levantava uma parede de vidro semelhante se fizesse isso. Sentia-se sempre melhor quando a parede de vidro era subida.

Em vez disso, o rapaz puxou-o outra vez para o colo e falou com o pai num tom suplicante. O raposo aprendera o significado de muitas palavras humanas, e ele ouviu-o usar uma delas agora:

— NÃO.

A palavra «não» estava muitas vezes ligada a um dos dois nomes que ele conhecia: o seu próprio e o do seu rapaz. Escutou com atenção, mas hoje foi apenas o «NÃO», suplicado ao pai vezes sem conta.

O carro trepidou, parando completamente, e inclinou-se para a direita. Para lá da janela subiu uma nuvem de poeira. O pai esticou-se outra vez sobre o assento, e depois

de dizer algo ao filho numa voz suave que não combinava com o seu odor habitual de exigência, agarrou no raposo pelo cachaço.

O rapaz não resistiu, por isso o raposo não resistiu. Manteve-se pendurado, inerte e vulnerável, na mão do homem, embora estivesse agora suficientemente assustado para morder. Não desiludiria os seus humanos hoje. O pai abriu a porta do carro e caminhou sobre gravilha e áreas de erva até ao limiar de um bosque. O rapaz saiu do carro e seguiu-o.

O pai pousou o raposo, e o raposo saltou para longe do seu alcance. Olhou nos olhos dos dois humanos, surpreendido por reparar que já tinham quase a mesma altura. O rapaz tinha crescido muito, recentemente.

O pai apontou para a floresta. O rapaz olhou para o pai durante um longo instante, com os olhos outra vez chorosos. E em seguida secou o rosto com a gola da t-shirt e anuiu. Levou a mão ao bolso das calças de ganga e tirou um soldadinho de plástico velho, o brinquedo preferido do raposo.

O raposo ficou alerta, pronto para o jogo de sempre. O rapaz atirava o brinquedo, e ele iria buscá-lo — um feito que o rapaz sempre parecia achar notável. Ele recuperava o brinquedo e esperava com ele na boca até o rapaz o encontrar e pegar no soldado para o voltar a atirar.

E, como seria de esperar, o rapaz segurou o soldado no ar e em seguida atirou-o para a floresta. O alívio do raposo

— estavam apenas ali para brincar! — deixou-o despreocupado. Desatou a correr para a floresta sem olhar para trás. Se tivesse olhado, teria visto o rapaz a soltar-se do pai e a cruzar os braços sobre o rosto, e teria regressado. O que quer que o rapaz precisasse — proteção, distração, afeto — ele teria oferecido.

Em vez disso, partiu atrás do brinquedo. Encontrá-lo foi ligeiramente mais difícil do que o habitual, pois havia tantos odores mais frescos na floresta. Mas apenas ligeiramente — afinal de contas, o odor do rapaz também estava no brinquedo. Esse odor ele encontraria em qualquer lugar.

O soldadinho de brincar estava virado para baixo junto à raiz nodosa de uma noqueira, como se se tivesse atirado para ali em desespero. A sua espingarda, que pressionava incansavelmente contra o rosto, estava enterrada até ao cabo em folhas secas. O raposo soltou o brinquedo com o focinho, pegou-o entre os dentes e levantou-se sobre os quadris para que o rapaz o achasse.

Na floresta sossegada, os únicos movimentos eram faixas de luz solar a cintilarem como vidro verde através da abóbada folhosa. Esticou-se mais alto. Não havia sinal do seu rapaz. Uma pontada de preocupação tremeu pela coluna do raposo. Deixou cair o brinquedo e latiu. Não houve resposta. Latiu novamente, e mais uma vez a resposta foi apenas silêncio. Se isto fosse um jogo novo, ele não gostava.

Pegou no soldadinho e começou a retraçar o caminho. Ao sair de rompante da floresta, um gaio passou repentinamente por cima dele, a guinchar. O raposo petrificou, despedaçado.

O seu rapaz estava à espera de jogar o jogo. Mas pássaros! Durante horas a fio ele observara pássaros da sua gaiola, estremecendo ao vê-los a cruzar o céu com tanta temeridade como o relâmpago que costumava ver em noites de verão. A liberdade dos seus voos maravilhava-o sempre.

O gaio piou novamente, agora mais no interior da floresta, mas foi correspondido por um coro. Durante mais um momento o raposo hesitou, espreitando pelas árvores para avistar de novo a forma azul-elétrica.

E depois, atrás dele, ouviu uma porta de carro fechar com força, e depois outra. Desatou a correr a toda a velocidade, sem fazer caso das roseiras-bravas que lhe cortavam as bochechas. O motor do carro ganhou vida, e o raposo parou com um salto no limiar da estrada.

O seu rapaz desceu a janela e lançou os braços para fora. E quando o carro arrancou a toda a brida numa chuva de gravilha, o pai gritou o nome do rapaz:

— Peter!

E o rapaz gritou o único outro nome que o raposo conhecia:

— Pax!



— *E*ntão lá havia montes deles.
O Peter percebeu o quão estúpido soava, mas não conseguia evitar repetir.

— Montes. — Remexeu os dedos por entre o monte de soldados de plástico na caixa de biscoitos amolgada — idênticos uns aos outros tirando as poses: em pé, ajoelhados e debruçados, todos com espingardas pressionadas com força contra as bochechas verde-azeitona. — Sempre pensei que ele só tivesse um.

— Não. Eu estava sempre a pisá-los. Ele devia ter centenas. Um exército inteiro. — O avô riu-se da sua própria piada fortuita, mas o Peter não. Virou a cabeça e olhou com atenção pela janela, como se tivesse acabado de ver algo no quintal traseiro, onde escurecia. Ergueu a mão para roçar os dedos no maxilar, exatamente da maneira

que o seu pai coçava a barba, e limpou sub-repticiamente as lágrimas que derramara. Que tipo de bebé chorava por algo assim?

E porque é que ele estava a chorar afinal? Tinha 12 anos e não chorava há anos, nem mesmo quando fraturara o polegar ao apanhar a bola do Josh Hourihan sem luva. Tinha doído imenso, mas ele apenas tinha dito palavrões por causa das dores à espera do raio-X com o treinador. Homem de coragem. Mas hoje, *duas vezes*.

O Peter tirou um soldado da lata e recordou o dia em que encontrara um igual na secretária do pai.

— O que é isto? — perguntara ele, segurando-o.

O pai do Peter aproximara-se e pegara no brinquedo, com uma expressão suave no rosto.

— Ah. Já passou tanto tempo. Isto era o meu brinquedo preferido quando era criança.

— Posso ficar com ele?

O pai atirara o soldado de volta.

— Claro.

O Peter pousara-o no parapeito da janela ao lado da cama, apontando a pequena espingarda de plástico num espetáculo satisfatório de defesa. Mas numa hora o Pax apanhara-o, o que fez o Peter rir — tal como ele, o Pax tinha de o ter.

O Peter deitou de novo o brinquedo na lata e estava prestes a fechar a tampa quando reparou na ponta de uma foto amarelada espetada para fora do monte de soldados.

Soltou-a. Era o seu pai, talvez como dez ou onze anos, com o braço enrolado à volta de um cão. Parecia metade *collie*, metade cem outras coisas. Parecia um bom cão, daqueles de que se falaria ao nosso próprio filho.

— Não sabia que o pai tinha tido um cão — disse ele, passando a foto ao avô.

— O *Duke*. A criatura mais parva de sempre, sempre a seguir-nos. — O velhote olhou mais de perto para a fotografia, e depois para o Peter como se estivesse a ver algo pela primeira vez. — Tens o mesmo cabelo preto do teu pai. — Esfregou a franja de penugem grisalha que rodeia o topo careca da sua cabeça. — Eu também já tive há muito tempo. E olha, ele também era escanzelado, tal como tu, tal como eu, com aquelas orelhas como pegas de caneca. Os homens da nossa família... parece que quem sai aos seus não degenera, hein?

— Não, senhor. — O Peter forçou um pequeno sorriso, mas não se aguentou. A seguir-nos. Essa era a expressão que o pai do Peter também usara. — Ele não pode ter aquele raposo a segui-lo sempre. Não se mexe tão depressa como costumava. Tu afasta-te também. Ele não está habituado a ter um miúdo por perto.

— Sabes, a guerra veio e eu fui e combati também. Tal como o meu pai. Como o teu pai agora. O dever chama,



e nós respondemos nesta família. Não, senhor, quem sai aos seus não degenera. — Devolveu a foto. — O teu pai e esse cão. Eram inseparáveis. Já quase me tinha esquecido.

O Peter voltou a pôr a foto na lata e fechou a tampa, e depois guardou-a por baixo da cama, onde a encontrara. Olhou de novo pela janela. Mesmo agora, não arriscaria falar sobre animais de estimação. Ele não queria ouvir falar sobre dever. E certamente não queria ouvir mais nada sobre quem sai aos seus ou não.

— A que hora começa a escola aqui? — perguntou ele, sem se virar.

— Às 8h00. Disseram para chegares cedo e apresentares-te à tua diretora de turma. Sra. Mirez, ou Ramirez... algo assim. Comprei-te material. — O velhote apontou com a cabeça para um caderno de argolas, um termo espatifado e um monte de lápis atarracados unidos por um elástico de borracha grosso.

O Peter foi até à secretária e pôs tudo na mochila.

— Obrigado. Apanho o autocarro ou vou a pé?

— A pé. O teu pai andou naquela escola e ia a pé. Segue Ash até ao fim, vira à direita em School Street, e depois vais ver um edifício grande de tijolo. School Street, percebeste? Sais às 7h30, tens bastante tempo.

O Peter anuiu. Queria ficar sozinho.

— Está bem, estou pronto. Acho que vou deitar-me.

— Ótimo — respondeu o avô, sem se dar ao trabalho de esconder o alívio no rosto. Foi-se embora, fechando

a porta ao sair com firmeza como quem diz «Podes ficar com este quarto, mas o resto da casa é meu.»

O Peter ficou junto à porta e escutou-o a afastar-se. Ao fim de um minuto, ouviu o som de pratos a tilintarem no lava-loiça. Imaginou o avô na cozinha estreita onde jantaram silenciosamente o guisado, a cozinha que cheirava tanto a cebolas fritas que o Peter julgava que o cheiro ainda continuaria depois de o avô morrer. Após cem anos de esfregadelas de uma dúzia de famílias diferentes, esta casa provavelmente continuaria a cheirar mal.

O Peter ouviu o avô a mover-se pelo corredor até ao seu quarto e, a seguir, a faísca suave quando o televisor acende, o volume a diminuir, um comentador de notícias agitado pouco audível. Só então é que descalçou os ténis e se deitou na cama estreita.

Um verão inteiro — talvez mais — a viver aqui com o avô, que parecia sempre prestes a explodir.

— Porque é que ele estava sempre tão zangado, afinal? — perguntara o Peter ao seu pai uma vez, há anos.

— Por tudo. Pela vida — respondera o pai. — Ele piorou depois de a tua avó morrer.

Depois de a sua própria mãe ter morrido, o Peter observara o pai com ansiedade. Primeiro, houvera apenas um silêncio assustador. Mas, aos poucos e poucos, o rosto do pai endurecera e transformara-se numa ameaça permanente de uma carranca, e as suas mãos cerravam os punhos lateralmente ao corpo, como se à espera de que algo o provocasse.

O Peter aprendeu a evitar ser esse algo. Aprendeu a afastar-se do seu caminho.

O cheiro a gordura envelhecida e a cebolas alcançou-o, infiltrando-se pelas paredes, pela própria cama. Abriu a janela ao seu lado.

A brisa de abril que entrava era gélida. O Pax nunca estivera sozinho na rua antes, a não ser na gaiola. O Peter tentou apagar a última imagem que tivera do seu raposo. Provavelmente não seguira o carro durante muito tempo. Mas a imagem dele a estatelar-se no rebordo da gravilha, confuso, era pior.

A ansiedade do Peter começou a crescer. Todo o dia, durante a viagem inteira até ali, o Peter sentira-a a enrolar-se. Como uma cobra, era o que sempre lhe parecia ser — à espreita, escondida, pronta a serpentear pela espinha, sibilando o insulto familiar. *Não estás onde devias estar. Algo de mau vai acontecer porque não estás onde devias estar.*

Virou-se de lado e tirou a lata de biscoitos de debaixo da cama. Tirou a foto do pai com o braço pendurado tão casualmente à volta do cão preto e branco. Como se nunca se tivesse preocupado que o podia perder.

Inseparáveis. Ele reparara no tom de orgulho que surgira na voz do avô quando o dissera. É claro que ficara orgulhoso — criara um filho que conhecia lealdade e responsabilidade. Que sabia que um miúdo e o seu animal de estimação deviam ser inseparáveis. Subitamente,

a palavra em si parecia uma acusação. Ele e o Pax, o que eram eles então... separáveis?

Porém, não eram. Por vezes, na verdade, o Peter tivera a estranha sensação de que ele e o Pax se fundiam. A primeira vez que aconteceu fora a primeira vez que levava o Pax à rua. O raposinho vira um pássaro e puxara a trela com força, a tremer como que eletrificado. E o Peter vira o pássaro pelos olhos do Pax — o voo de relâmpago milagroso, a liberdade e a velocidade impossíveis. Ele sentira a sua própria pele excitada a tremer no corpo todo, e os seus próprios ombros a arderem como se desajassem ter asas.

Acontecera novamente esta tarde. Sentira o carro a arrancar como se fosse ele a ser abandonado. O seu coração começara a bater mais depressa com o pânico.

As lágrimas ameaçaram cair de novo, e o Peter secou-as com toques de mão frustrados. O pai dissera que era o correto a fazer.

— A guerra vem aí. Todos temos de fazer sacrifícios. Eu tenho de ir combater... é o meu dever. E tu tens de te ir embora.

É claro que ele já estava mais ou menos à espera disso. As famílias de dois dos seus amigos tinham já feito as malas e partido quando começaram os rumores de evacuação. O que ele não esperara era o resto. A pior parte.

— E aquele raposo... bem, também está na hora de o mandar de volta para a floresta.

Um coioote uivou então, tão perto que fez o Peter dar um salto. Um segundo coioote respondeu, e a seguir um terceiro. O Peter sentou-se direito e fechou a janela com força, mas era demasiado tarde. Os latidos e uivos, e o seu significado, já estavam na sua cabeça.

O Peter tinha duas memórias muito más da sua mãe. Também tinha muitas boas, e costumava escolher essas para se reconfortar, embora se preocupasse que pudessem desaparecer com demasiada exposição. Mas, as duas más, ele enterrara bem fundo. Fez todos os possíveis para mantê-las enterradas. Agora, os coiootes estavam a latir na sua cabeça, desenterrando uma delas.

Quando ele tinha cinco anos, encontrara a mãe em pé, consternada, ao lado de um canteiro de tulpas vermelhas como sangue. Metade delas estava em pé, outra metade espalhada pelo chão, com as flores a murcharem.

— Foi um coelho. Deve pensar que os caules são deliciosos. O maldito.

O Peter ajudara o pai a montar uma armadilha nessa noite.

— Não o vamos magoar, pois não?

— Não te preocupes. Só o vamos apanhar e levá-lo para outra cidade.

Ele que coma as tulpas de outra pessoa.



O Peter pusera uma cenoura na armadilha como isco e depois suplicara ao pai para deixá-lo dormir no jardim para ficar de guarda. O pai dissera não, mas ajudara-o a acertar o despertador para que ele fosse o primeiro a acordar. Quando o despertador tocou, o Peter correu até ao quarto da mãe para a levar à rua pela mão para ver a surpresa.

A armadilha estava tombada de lado no fundo de uma cratera recentemente escavada com pelo menos 1,5 m de diâmetro. Lá dentro encontrava-se um coelho bebé, morto. Não havia uma única marca no seu corpinho, mas a gaiola estava riscada e amolgada, e o chão à volta todo arranhado e revolto.

— Coiotes — disse o pai, juntando-se a eles. — Devem tê-lo morto de susto ao tentar entrar. E nenhum de nós sequer acordou.

A mãe do Peter abrira a armadilha e pegara a forma sem vida. Segurara-a junto à bochecha.

— Eram apenas túlipas. Apenas umas poucas túlipas.



O Peter encontrara a cenoura, com uma ponta mordiscada, e atirara-a o mais longe possível. A seguir, a mãe colocara o corpo do coelho nas mãos dele em concha e fora buscar uma pá. Com um só dedo, o Peter contornara-lhe as orelhas, desenrolando-se como fetos do focinho, e as patas, milagrosamente minúsculas, e o pelo suave no pescoço, molhado com as lágrimas da mãe.

Quando regressara, ela tocara no rosto do filho, que ardia de vergonha.

— Está tudo bem. Tu não sabias.

Mas não estava tudo bem. Durante muito tempo depois, quando o Peter fechava os olhos, ele vira coiotes. As suas garras a arranhar a terra, as suas mandíbulas a abrirem e fecharem. Viu-se a si mesmo onde devia ter estado: de guarda no jardim naquela noite. Vezes sem conta, viu-se a fazer o que devia ter feito: a levantar-se do seu saco-cama, a encontrar uma pedra e a arremessá-la. Viu os coiotes a fugirem para a escuridão e viu-se a si mesmo a abrir a armadilha para soltar o coelho.

E com essa memória, o veneno da ansiedade atacou com tamanha força que o Peter ficou atordoado e ofegante. Não estivera onde devia ter estado na noite em que os coiotes mataram o coelho, e não estava onde devia estar agora.

Arfou para encher os pulmões de ar e sentou-se rapidamente. Rasgou a foto ao meio e mais uma vez em duas metades e atirou os bocados para baixo da cama.

Abandonar o Pax *não* tinha sido a coisa certa a fazer.

Levantou-se num salto — já perdera muito tempo. Tirou umas calças de bolsos, uma camisola de camuflagem de mangas compridas e uma camisola polar da mala, e depois mais umas cuecas e um par de meias suplentes. Enfiou tudo na mochila tirando a camisola, que atou à cintura. Canivete no bolso das calças de ganga. Carteira. Ponderou por um minuto entre as botas de montanha e os ténis e decidiu-se pelas botas, embora não as tivesse calçado.

Olhou para o quarto em redor, na esperança de encontrar uma lanterna ou algo que se assemelhasse a equipamento de campismo. O quarto fora do seu pai quando era miúdo, mas tirando alguns livros numa estante, era evidente que o avô tinha retirado tudo dali. A lata dos biscoitos surpreendera-o, aparentemente — um esquecimento. O Peter bateu com os dedos sobre as lombadas dos livros.

Um atlas. Tirou-o, maravilhado com a sua sorte, e folheou-o até chegar ao mapa que mostrava a estrada por onde ele e o pai tinham viajado.

— Vais estar a menos de 500 quilómetros de distância — tentara o pai uma vez tranquilizá-lo no silêncio da viagem. — Tiro um dia de folga e venho cá. — O Peter percebera que isso nunca aconteceria. Não se davam dias de folga na guerra.

Além disso, não era do pai que já sentia a falta.

E então viu algo em que não reparara antes: a estrada serpenteava ao longo de um extenso conjunto de colinas. Se cortasse a direito por elas em vez de seguir a estrada,

pouparia imenso tempo, além de reduzir o risco de ser apanhado. Começou por rasgar a folha e depois apercebeu-se de que não podia deixar ao avô uma pista tão óbvia. Em vez disso, estudou o mapa durante muito tempo e em seguida recolocou o atlas na prateleira.

500 quilómetros. Aparentemente poderia saltar uns 200 ao apanhar o atalho, por isso seriam na prática mais ou menos 300. Se conseguisse caminhar pelo menos 50 quilómetros por dia, chegaria lá numa semana ou menos.

Tinham deixado o Pax no cimo da estrada de acesso que levava a um moinho abandonado. O Peter insistira nessa estrada porque quase ninguém a usava — o Pax não sabia o que era o trânsito — e porque havia floresta e campos por todo o lado. Ele voltaria lá e encontraria o Pax, à espera, dali a sete dias. Não iria atrever-se a pensar no que poderia acontecer a um raposo manso nesses sete dias. Não, o Pax estaria à espera do lado da estrada, mesmo onde o tinham abandonado. Estaria com fome, claro, e provavelmente assustado, mas estaria bem. O Peter levá-lo-ia para casa. Ficariam lá. Ai de alguém que se atrevesse a obrigá-lo a deixá-lo desta vez. Isso era a coisa certa a fazer.

Ele e o Pax. Inseparáveis.

Olhou novamente para o quarto em volta, resistindo à vontade de desatar a *correr*. Não podia dar-se ao luxo de se esquecer de nada. Da mala tirou a foto da mãe que guardara na escrivanhinha — a tal tirada no seu último

aniversário, a segurar o papagaio de papel que o Peter lhe fizera, e a sorrir como se tivesse recebido o melhor presente da sua vida — e enfiou-a na mochila.

A seguir, tirou as coisas dela que escondera na gaveta de baixo em casa. As suas luvas de jardinagem, ainda sujas da última terra que ela remexera; uma caixa do seu chá preferido, que já há muito perdera o seu odor a hortelã-pimenta; as meias grossas até ao joelho com riscas brancas e vermelhas horizontais que ela usava no inverno. Tocou em todas as peças, desejando poder levar tudo de volta para casa onde pertencia, e depois escolheu o objeto mais pequeno — uma pulseira de ouro com um pendente de uma fénix esmaltada que ela usara todos os dias — e enfiou-o no meio da mochila juntamente com a foto.

O Peter examinou o quarto pela última vez. Avistou a sua bola e a luva de basebol e depois foi até à escrivaninha e guardou-as na mochila. Não pesavam muito e gostaria de tê-las consigo quando regressasse a casa. Além disso, só se sentia melhor quando as tinha. Depois, abriu a porta devagar e passou à cozinha.

Pousou a mochila na mesa de carvalho e, sob a luz ténue de cima do fogão, começou a guardar provisões. Uma caixa de passas, um pacote de bolachas e um frasco meio cheio de manteiga de amendoim — o Pax sairia de qualquer esconderijo por manteiga de amendoim. Do frigorífico, tirou uma carrada de tiras de queijo e duas laranjas. Encheu o termo e depois vasculhou as gavetas até

encontrar fósforos, que embrulhou em papel de alumínio. Por baixo do lava-loiça fez duas descobertas afortunadas: um rolo de fita adesiva e uma caixa de sacos gigantes do lixo. Um encerado teria sido melhor, mas, grato, tirou dois sacos e fechou a embalagem.

Por fim, tirou uma folha de papel do caderno e começou a escrever um recado: QUERIDO AVÔ. O Peter observou as palavras por um minuto, como se estivessem numa língua estrangeira, depois amarrotou o papel e começou um novo. SAÍ MAIS CEDO, QUERIA COMEÇAR BEM O DIA NA ESCOLA... ATÉ LOGO À NOITE. Fitou a folha durante algum tempo, também, questionando-se se transmitia a culpa que ele sentia. Por fim, acrescentou OBRIGADO POR TUDO — PETER, colocou a nota por baixo do saleiro e saiu sorrateiramente.

No passeio de tijolo, vestiu a camisola e agachou-se para poder apertar os atacadores. Endireitou-se e pendurou a mochila aos ombros. Depois, olhou momentaneamente à sua volta. A casa atrás de si parecia mais pequena do que quando ele chegara, como se estivesse já a desaparecer no passado. Do outro lado da rua, as nuvens passavam celeremente pelo horizonte, e uma meia-lua emergiu de súbito, iluminando a estrada em frente.



O Pax estava com fome e frio, mas o que o acordara fora a sensação de que precisava de abrigo. Pestanejou e recuou. O que pareciam ser as barras reconfortantes da sua gaiola cederam com estalos secos. Ele virou-se e viu uma plataforma de talos secos de flores-de-cera a que se encostara algumas horas antes.

Latiu pelo Peter e lembrou-se: o seu rapaz fora-se embora.

O Pax não estava habituado a estar sozinho. Tinha nascido numa ninhada irrequieta de quatro, mas o seu pai desaparecera antes de as crias sequer se terem habituado ao seu odor, e, certa manhã, pouco tempo depois, a sua mãe não conseguira voltar para casa. Um a um, os seus irmãos morreram, fazendo do seu coração o único a bater na toca fria até o rapaz, Peter, o ter tirado de lá.

Desde esse momento, sempre que o rapaz se ausentava, o Pax andava de um lado para o outro na gaiola até o Peter regressar. E à noite choramingava sempre para entrar em casa, onde conseguia ouvir a respiração do seu humano.

O Pax amava o seu rapaz, mas, mais do que isso, sentia-se responsável pelo Peter, por protegê-lo. Quando não conseguia desempenhar o seu papel, sofria.

O Pax sacudiu a chuva da noite do dorso e dirigiu-se para a estrada sem sequer alongar os músculos doridos, à procura do odor do rapaz.

Não o conseguia encontrar — os ventos fortes da noite tinham limpado do chão qualquer vestígio. Mas entre as centenas de odores que se erguiam na primeira brisa matinal, encontrou algo que lhe lembrava o seu rapaz: bolotas. O Peter tinha muitas vezes pegado em mãos-cheias delas para espalhá-las por cima do dorso do Pax, rindo-se ao vê-lo sacudi-las e depois parti-las para chegar ao recheio. Agora, o odor familiar parecia-lhe uma promessa, e ele trotou na sua direção.

As bolotas estavam espalhadas em redor da base de um carvalho atingido por um raio, alguns pulos grandes a norte de onde tinha visto o rapaz pela última vez. Mastigou algumas mas encontrou apenas interiores com mofo e atrofiados. Depois instalou-se sobre o tronco caído, com as orelhas treinadas para escutar qualquer som vindo da estrada.

Enquanto esperava, o Pax limpou e secou o pelo com lambidelas, reconfortando-se no permanente odor do

Peter que encontrou ali. A seguir, voltou a atenção para as patas dianteiras, lavando meticulosamente os muitos cortes nas almofadas das mesmas.

Sempre que ficava ansioso, o Pax cavava o chão da gaiola. Arranhava sempre as patas no cimento áspero enterrado por baixo, mas não conseguia controlar o impulso. Na semana anterior, tinha cavado quase todos os dias.

Quando acabou de lavar as patas, enroscou-as por baixo do peito e esperou. O ar da manhã pulsava com os ruídos da primavera. Na longa noite anterior, tinham deixado o Pax alarmado. A escuridão tinha estremecido com o movimento inquieto dos animais noturnos, e mesmo os sons das próprias árvores — o desenrolar das folhas, o escorrer da seiva em madeira nova, os estalidos pequeninos de casca de árvore a expandir — tinham-no assustado vezes sem conta enquanto esperava que o Peter regressasse. Por fim, quando a madrugada começara a pintar o céu de prateado, caíra num sono inquieto.

Porém, agora, os mesmos sons chamavam-no. Mil vezes as orelhas sensíveis ficaram eretas e alertas, e ele quase saltou para investigar. Mas, a cada vez, lembrou-se do rapaz e sossegou-se. Os humanos tinham boa memória, por isso voltariam a este lugar. Mas dependiam apenas da visão — sendo todos os seus outros sentidos tão fracos — por isso, se não o vissem quando regressassem, podiam ir-se embora outra vez. O Pax ficaria ao lado da estrada e ignoraria todas as tentações, incluindo o impulso forte que

sentia em seguir para sul, a direção que o instinto lhe dizia que o levaria de volta a casa. Ficaria neste lugar até o rapaz vir buscá-lo.

Acima dele, um abutre cruzou as colunas de ar quente. Um caçador preguiçoso, à procura da forma morta de carniça. Quando deu com a forma de pelo vermelho do raposo, imóvel, mas sem libertar odor de putrefação, desceu em círculos para investigar.

No chão, o Pax sentiu um alarme instintivo ao avistar a sombra fresca da forma em V. Saltou do tronco e raspou a terra por baixo.

O piso pareceu responder com um tremor distante, como um coração a roncar. O Pax esticou-se alto, esquecendo o perigo nas alturas. A última vez que vira o seu rapaz, houvera vibrações como esta ao longo desta mesma estrada. Desatou a correr pela gravilha até ao local exato onde os seus humanos o tinham deixado.

As vibrações transformaram-se num rugido. O Pax levantou-se sobre os quadris para ser visto. Mas não era o carro do seu rapaz. Não era um carro de todo. Ao aproximar-se, pareceu ao raposo que era maior do que a casa onde os seus humanos viviam.

O camião era verde. Não o verde vivo das árvores em redor, mas um tom de azeitona mortiço, uma cor que a morte poderia usar quando reclamasse estas árvores. O mesmo tom mortiço verde-azeitona do soldadinho de chumbo que o raposo tinha apanhado nos talos das flores-de-cera. Fedia

a gasóleo e tinha o mesmo odor metálico estorricado que se agarrara à nova roupa do pai do seu rapaz. Numa nuvem de pó e pedras pulverizadas, o camião avançou, passando seguido por outro e outro e outro.

O Pax pulou para longe da estrada. O abutre levantou voo e partiu com um único bater das asas.

UMA HISTÓRIA FANTÁSTICA QUE ENCHE O CORAÇÃO.

O Peter e o Pax são tão inseparáveis como só os melhores amigos podem ser. Desde que o Peter resgatou o pequeno raposinho, os dois tornaram-se parte um do outro, vivendo grandes aventuras e partilhando momentos inesquecíveis.

Mas, o inimaginável acontece: o pai do Peter parte para a frente de combate, o rapaz tem de ir viver com o avô e, contra a vontade do Peter, o Pax é «libertado» na floresta.

Entretanto, o Pax, firmemente à espera do Peter, embarca em emocionantes aventuras e descobertas acerca dele próprio na companhia de novos amigos, como a Bristle e o Runt.

Uma narrativa maravilhosa e mágica sobre as verdades essenciais que nos definem. Num segundo parte-nos o coração e, no segundo seguinte, é capaz de o reconstruir de forma admirável!



«Sara Pennypacker é mestre na escrita.

Esta narrativa revela
uma profundidade brilhante.»

Booklist

booksmile
livros que saltam à vista

20|20 editora

ISBN 978-989-8839-05-3

12+



Literatura Juvenil